



Uso de plantas medicinais durante a pandemia da Covid-19 em Belém do Pará

Use of medicinal plants during the Covid-19 pandemic in Belém do Pará

Uso de plantas medicinales durante la pandemia de Covid-19 en Belém do Pará

Etienne de Aguiar Martins Barros¹, João Paulo Ribeiro Benjamin¹, Luciana de Cássia Silva do Nascimento¹, Erica dos Santos Sarges¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar as plantas medicinais utilizadas com mais frequência durante a pandemia da Covid-19 em Belém do Pará, analisar o perfil dos consumidores e os fatores associados ao seu uso. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa transversal descritiva, fazendo uso de coleta de dados através de questionário eletrônico. Os dados coletados foram organizados e tabulados em planilhas do software Microsoft Excel®, permitindo a categorização e análise das respostas. **Resultados:** O presente estudo permitiu identificar e compreender as práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais durante a pandemia da Covid-19 na cidade de Belém, Pará. Os resultados revelaram uma ampla diversidade de espécies utilizadas, evidenciando o papel das plantas medicinais como uma alternativa terapêutica em um cenário de crise sanitária, marcado pela sobrecarga dos serviços de saúde e pela busca por soluções acessíveis e culturalmente relevantes. **Conclusão:** A riqueza de conhecimento local e o aumento da procura por fitoterápicos reforçam a importância da valorização das práticas integrativas na atenção primária à saúde, especialmente em regiões com biodiversidade abundante, como a Amazônia.

Palavras-chave: Plantas medicinais, Covid-19, Saúde.

ABSTRACT

Objective: To identify the medicinal plants most frequently used during the Covid-19 pandemic in Belém do Pará, analyze the profile of consumers and the factors associated with their use. **Methods:** This is a descriptive cross-sectional study, using an electronic questionnaire to collect data. The data collected was organized and tabulated in Microsoft Excel® spreadsheets, allowing the answers to be categorized and analyzed. **Results:** This study made it possible to identify and understand the practices related to the use of medicinal plants during the Covid-19 pandemic in the city of Belém, Pará. The results revealed a wide diversity of species used, highlighting the role of medicinal plants as a therapeutic alternative in a health crisis scenario, marked by the overload of health services and the search for accessible and culturally relevant solutions. **Conclusion:** The wealth of local knowledge and the increased demand for herbal medicines reinforce the importance of valuing integrative practices in primary health care, especially in regions with abundant biodiversity, such as the Amazon.

Keywords: Medicinal plants, Covid-19, Health.

RESUMEN

Objetivo: Identificar las plantas medicinales más utilizadas durante la pandemia de Covid-19 en Belém do Pará, analizar el perfil de los consumidores y los factores asociados a su uso. **Métodos:** Se trata de un estudio

¹ Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém - PA.

descriptivo transversal, que utilizó un cuestionario electrónico para la recogida de datos. Los datos recogidos se organizaron y tabularon en hojas de cálculo de Microsoft Excel®, lo que permitió categorizar y analizar las respuestas. **Resultados:** Este estudio permitió identificar y comprender las prácticas relacionadas con el uso de plantas medicinales durante la pandemia de Covid-19 en la ciudad de Belém, Pará. Los resultados revelaron una amplia diversidad de especies utilizadas, destacando el papel de las plantas medicinales como alternativa terapéutica en un escenario de crisis sanitaria, marcado por la sobrecarga de los servicios de salud y la búsqueda de soluciones accesibles y culturalmente pertinentes. **Conclusión:** La riqueza del conocimiento local y el aumento de la demanda de hierbas medicinales refuerzan la importancia de valorar las prácticas integradoras en la atención primaria de salud, especialmente en regiones con abundante biodiversidad, como la Amazonia.

Palabras clave: Plantas medicinales, Covid-19, Salud.

INTRODUÇÃO

O uso de diversas plantas para atender às necessidades humanas remonta à antiguidade, abrangendo desde sua aplicação como venenos até seu aproveitamento em tratamentos terapêuticos. Quando empregadas com essa finalidade, são denominadas plantas medicinais (PATRÍCIO KP, et al., 2022). Devido a isso, as plantas exercem um importante papel, no cuidado e prevenção de possíveis enfermidades, por parte da população mundial, que fazem uso desses medicamentos (CASTILHOS PF, et al., 2023).

A preservação de conhecimentos tradicionais, sobre o uso de plantas naturais, colabora para um aperfeiçoamento de práticas validas, atreladas aos saberes científicos (XAVIER RA e LIMA RA 2020). Ainda segundo os autores, eles afirmam, que é necessário manter o respeito pela cultura, tradição e pelos costumes dos povos tradicionais, pois, cada comunidade tem sua particularidade e informações sobre tratamentos de enfermidade e o uso dessas plantas.

Diante disso, observou-se que o uso de plantas medicinais foi sendo amplamente empregado ao longo do desenvolvimento humano. De acordo com (ALCANTARA RGL, et al., 2015) a utilização de plantas medicinais, estão vinculadas a benefícios econômicos, onde esses medicamentos têm custo menos elevados. No entanto, o uso indiscriminado dessas plantas pode levar a problemas graves de saúde, e a facilidade com que ocorra esse consumo, estar atrelado a facilidade em encontrá-las ou cultivá-las no quintal de casa (MINIKOWSKI AG, et al., 2021).

É necessário destacar que, no Brasil, a comercialização de plantas medicinais é regulamentada desde 1973 pela Lei nº 5.991. Essa legislação estabelece diretrizes para o controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos e correlatos, incluindo as plantas medicinais. Porém, a Organização Mundial da saúde, estabeleceu orientações sobre o uso dessas plantas, onde prevê que, o estudo sobre plantas medicinais é uma obrigação do território brasileiro, como afirma (CHEROBIN et al., 2021). Levando em consideração a RDC 26/2014: Regulamenta o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos, além de tratar das formas de liberação de fitoterápicos (DRESCH RR, et al., 2021).

No decorrer da crise sanitária global provocada pela pandemia da COVID-19, identificou-se um aumento excessivo no interesse da população pelo uso de medicamentos fitoterápicos. Embora não exista um protocolo terapêutico universalmente estabelecido para o tratamento da infecção, a demanda por substâncias naturais, particularmente entre as camadas mais vulneráveis da sociedade, cresceu de maneira significativa no período da COVID-19 (BARBOSA et al., 2021) Dentro do território brasileiro, o uso de plantas medicinais vem ganhando destaque não apenas por populações que tradicionalmente utilizam esses medicamentos, mas até mesmo por grupos sociais que até então não utilizavam (DRESCH RR, et al., 2021). Isso se deve, a precificação de medicamentos industrializados, ao difícil acesso a medicamentos ou até mesmo ao acesso a medicina preventiva ou curativa (JUNIOR, 2008).

Por outro lado, o consumo de plantas medicinais, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), vem crescendo nos últimos anos, principalmente em países europeus (DRESCH RR, et al., 2021). Diante do apresentado pelos autores, esses medicamentos são utilizados para tratamento de problemas de obesidade, ansiedade e entre outros.

Diante da grande biodiversidade da região amazônica, a cidade de Belém do Pará se destaca como um grande entroncamento de chegada e saídas de plantas medicinais. Já, que a mesma detém um grande percentual de feiras livres dessa região, o que proporciona uma maior comercialização dessas plantas. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi identificar as plantas medicinais utilizadas com mais frequência durante a pandemia da Covid-19 em Belém do Pará, analisar o perfil dos consumidores e os fatores associados ao seu uso, com intuito de contribuir com informações sobre os benefícios e possíveis riscos do uso das plantas medicinais.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, realizado na cidade Belém do Pará – Brasil. Município localizado na região amazônica, com população estimada em 1.303.403 habitantes, conforme o censo do IBGE de 2022. A biodiversidade da região facilita o acesso a plantas medicinais, principalmente por meio de feiras livres, casas de ervas e através de cultivo residencial. Esses locais são importantes para o abastecimento da população, que utilizam as plantas para diversos tratamentos de saúde.

A pesquisa contou com uma amostra de 77 adultos participantes, entrevistados em setembro de 2020. A coleta de dados foi feita de forma eletrônica, abrangendo moradores de cinco bairros da área urbana de Belém. Um questionário estruturado foi aplicado para levantar informações sobre o perfil sociodemográfico, hábitos de uso de plantas medicinais, métodos de preparo e conhecimentos terapêuticos.

A coleta de dados foi feita através de um questionário pré-estruturado composto pelas seguintes informações: (A) informações sociais, escolaridade e idade do entrevistado; (b) Informações sobre a COVID-19; (a) acesso a atendimento à saúde. As informações sobre o uso de plantas medicinais, foram obtidas através das seguintes perguntas: (1) Você utiliza plantas medicinais? Com qual frequência?; (2) Você cultiva plantas medicinais? Quais?; (3) Qual parte de planta você utiliza para extrair o princípio ativo?; (4) Como é feito a forma de preparo das plantas medicinais para a extração do princípio ativo?; (5) Qual a indicação terapêutica das plantas que você utiliza normalmente? (6) Por quais meios você adquiriu conhecimentos sobre as plantas medicinais?

Os dados coletados foram analisados de forma descritiva utilizando o software Microsoft Excel 365, permitindo a categorização e análise das respostas. As espécies citadas foram identificadas por seus nomes científicos, em conformidade com a Farmacopeia Brasileira e outras fontes confiáveis.

O estudo foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado do Pará, de acordo com o parecer de número 4.478.613 e CAAE de número 39457920.7.0000.5174. Esta pesquisa respeita os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Foi constatado que a maioria dos participantes entrevistados é composta por mulheres, evidenciando uma predominância do sexo feminino no universo pesquisado. Dos 77 indivíduos que responderam aos questionários, 53 são mulheres, o que equivale a 69% da amostra. Em contrapartida, os homens representam um total de 24 entrevistados, correspondendo a 31% do total. Destaca-se ainda, a população jovem, como a maior parcela de usuários de plantas medicinais, que variam na faixa etária de 21 a 40 anos de idade, sendo o maior percentual de consumidores.

Quanto ao nível de escolaridade, verificou-se uma distribuição heterogênea entre os respondentes. Do total de participantes, 32% possuem ensino superior completo, configurando-se como o grupo mais expressivo em termos de escolaridade. Em seguida, 29% dos entrevistados declararam ter ensino superior incompleto, enquanto 22% concluíram o ensino médio. Os demais níveis de escolaridade apresentaram percentuais mais baixos, sendo 8% com ensino fundamental incompleto, 4% com ensino médio incompleto e outros 4% com formação técnica. Por fim, apenas 1% dos respondentes informaram ter concluído o ensino fundamental. Essa distribuição reflete um perfil educacional diversificado, que contribui para a análise de diferentes perspectivas e contextos sociais dentro da amostra investigada. Assim, podemos observar com maior detalhamento, as características apresentadas no texto, na **Tabela 1**.

Tabela 1 – Distribuição demográfica e educacional dos entrevistados da pesquisa.

Variável	N	%
Sexo		
Feminino	53	69%
Masculino	24	31%
Idade		
21-30 anos	31	40%
31-40 anos	35	45%
41-50 anos	7	9%
51-60 anos	1	2%
Acima dos 60 anos	3	4%
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	6	8%
Ensino fundamental completo	1	2%
Ensino médio incompleto	3	4%
Ensino médio completo	17	22%
Ensino superior incompleto	22	28%
Ensino superior completo	25	32%
Ensino técnico	3	4%
Total	77	-

Fonte: Barros EAM, et al., 2025.

Dos 77 participantes entrevistados, 64 indivíduos, representando 83% da amostra, relataram fazer uso frequente de plantas medicinais em seu cotidiano. Durante a pesquisa, foram identificadas 33 espécies distintas de plantas utilizadas, demonstrando uma significativa diversidade de conhecimento e práticas relacionadas à fitoterapia entre os respondentes.

Entre as espécies mais mencionadas, destacaram-se algumas famílias botânicas amplamente reconhecidas por suas propriedades medicinais. A espécie *Peumus boldus* (nome popular, Boldo) foi a mais citada, com (n = 25) ocorrências, seguida por *Melissa officinalis* (nome popular, Erva-Cidreira) com (n = 21) menções. Outras espécies também apareceram de forma expressiva, como *Aloe vera* (Nome popular, Babosa) (n = 12), *Cymbopogon citratus* (nome popular, Capim-Limão) (n = 12) e *Mentha spicata* (nome popular, Hortelã) (n = 11). Espécies menos prevalentes, mas ainda representativas, incluíram *Matricaria chamomilla* (nome popular, Camomila) (n = 8), *Arrabidaea chica Verlot* (nome popular, Pariri) (n = 7), *Libidia férrea* (nome popular, Jucá) (n = 5), *Cinnamomum verum* (nome popular, Canela) (n = 5) e *Ruta graveolens* (nome popular, Arruda) (n = 4).

Esses dados destacam a ampla adoção de plantas medicinais pela população estudada, evidenciando tanto a diversidade de espécies utilizadas quanto a relevância cultural e terapêutica que essas plantas possuem, além disso é necessário estabelecer que os entrevistados relataram uso de mais de uma espécie de plantas medicinais. As demais outras espécies menos prevalentes estão distribuídas na **Tabela 2**.

Tabela 2 – Uso de plantas medicinais, distribuídas por quantidade de vezes mencionadas.

Variável	N	%
Boldo	25	14,5%
Babosa	12	7,0%
Sucuriju	1	0,6%
Jucá	5	2,9%
Alecrim	1	0,6%
Camomila	8	4,7%
Erva cidreira	21	12,2%
Algodão	1	0,6%
Mastruz	3	1,7%
Pariri	7	4,1%
Comarina	1	0,6%
Hibisco	2	1,2%
Veronica	2	1,2%
Cumarú	2	1,2%
Capim santo	12	7,0%
Cipo alho	3	1,7%
Manjeriçã	2	1,2%
Caxinguba	1	0,6%
Goibeira	3	1,7%
Cajú	1	0,6%
Limão	1	0,6%
Canela	5	2,9%
None	1	0,6%
Hortelã	11	6,4%
Babatimão	2	1,2%
Veronica	1	0,6%
Aroeira	2	1,2%
Espinheira santa	2	1,2%
Eucalipito	1	0,6%
Alho	2	1,2%
Arruda	4	2,3%
Total	172	-

Fonte: Barros EAM, et al., 2025.

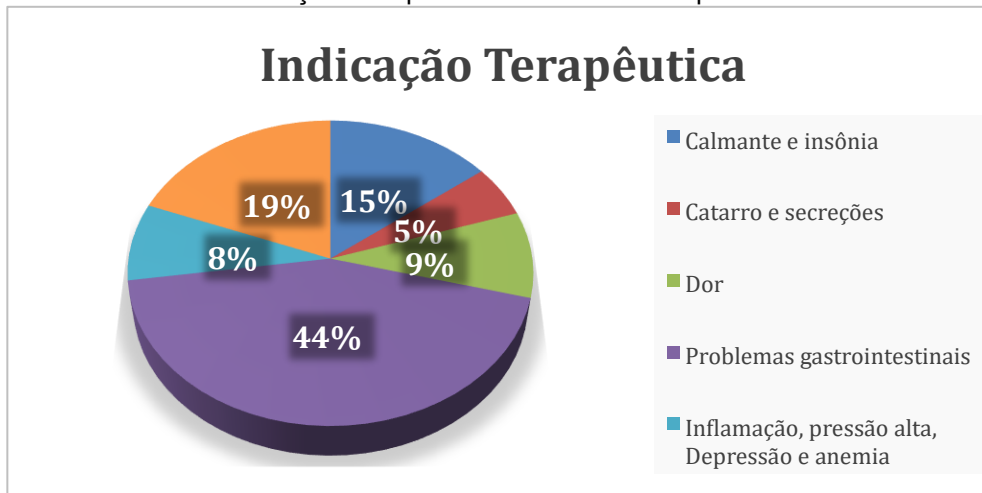
O **Gráfico 1**, ilustra as principais indicações terapêuticas relacionadas ao uso de plantas medicinais pelos participantes da pesquisa, evidenciando uma ampla diversidade de finalidades. A maior parte das menções, representando 44%, está associado ao uso da planta *Peumus boldus* (Boldo).

As propriedades calmantes e indutoras do sono de algumas plantas, como é o caso da, *Melissa officinalis* (erva-cidreira, nome popular), *Mentha spicata* (Hortelã, nome popular), *Matricaria chamomilla* (camomila, nome popular) aparecem em destaque, com 15% das indicações.

Para o alívio de dores, foram mencionados em 9% dos casos, tendo como utilização a planta *Arrabidaea chica Verlot* (pariri, nome popular), que segundo os entrevistados, utilizam para o tratamento de diversas enfermidades. Além disso, 8% dos participantes relataram o uso de *Dysphania ambrosioides* (mastruz, nome popular). Embora esses percentuais sejam menores em comparação às categorias anteriores, eles ainda apontam para a utilização específica de determinadas plantas com propriedades analgésicas e expectorantes.

Por fim, 5% dos participantes não souberam informar a finalidade do uso das plantas medicinais, o que pode indicar um consumo orientado por práticas tradicionais ou influências externas, sem o conhecimento aprofundado de suas propriedades ou indicações específicas.

Gráfico 1 – indicações terapêuticas sobre o uso de plantas medicinais.



Fonte: Barros EAM, et al., 2025.

Os entrevistados relataram diferentes práticas relacionadas ao preparo das plantas medicinais para a extração de seus princípios ativos, destacando-se variações tanto nas partes vegetais utilizadas quanto nos métodos de preparo. Apenas 5% dos participantes mencionaram o uso exclusivo de cascas, sementes ou raízes no preparo de medicamentos naturais, enquanto 48% declararam empregar folhas e flores como as principais partes vegetais. Além disso, 47% relataram combinar ambas as partes, utilizando tanto folhas e flores quanto cascas, sementes ou raízes no processo de extração.

Em relação ao modo de preparo específico para cascas, sementes ou raízes, observou-se uma distinção significativa entre as práticas adotadas. Cerca de 29% dos entrevistados utilizam o método de infusão, que consiste em ferver a água separadamente e despejá-la sobre a parte vegetal, cobrindo o recipiente para facilitar a extração dos compostos ativos. Por outro lado, a maioria dos respondentes (71%) opta pelo método de decocção, que envolve a fervura direta da água junto com as cascas, sementes ou raízes.

No caso do preparo de folhas e flores, 38% dos entrevistados relataram realizar o processo por meio de infusão. Nesse método, a água é aquecida até a fervura e despejada sobre as folhas ou flores, cobrindo o recipiente. Diante do exposto, podemos perceber na tabela 3 as formas de preparo das plantas medicinais.

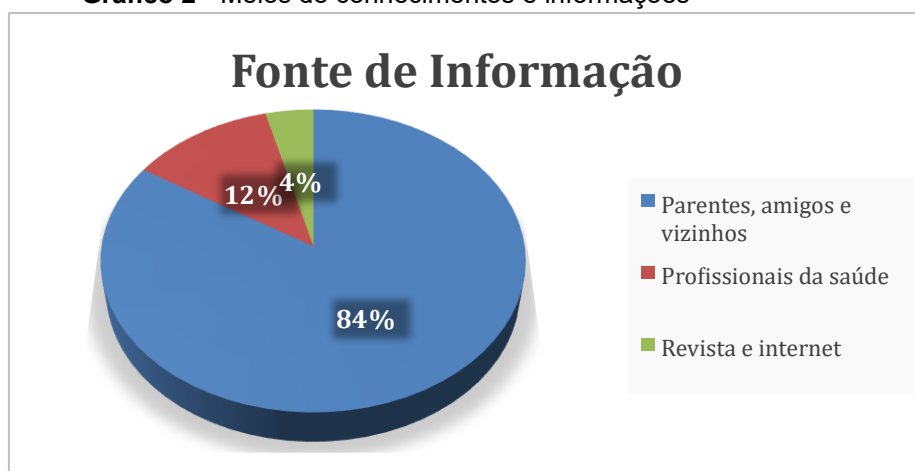
Tabela 3 - Formas de preparo das plantas medicinais indicada pelos participantes

Modo de Preparado	N	%
Partes das plantas mais utilizadas nas preparações		
Casca, semente ou raiz	4	37
Folhas e flores	5	48
Ambos	36	47
Modo de preparo utilizando a casca, semente e/ou raiz		
Ferviam a água e despejavam na casca, semente e/ou raiz cobrindo o recipiente	22	55
Ferviam a água junto com a casca, semente e/ou raiz cobrindo o recipiente	29	71
Modo de preparo utilizando folhas e/ou flores		
Ferviam a água e despejavam na folha ou flores, cobrindo o recipiente	29	38
Ferviam a água junto com a casca, semente e/ou raiz cobrindo o recipiente	48	62
TOTAL	77	-

Fonte: Barros EAM, et al., 2025.

Os meios de informações sobre a utilização de plantas medicinais variam de lugar para lugar, onde observamos, que 84% da população entrevistada, relata que obteve informações sobre a ação terapêutica das plantas medicinais, por parentes, amigos e vizinhos, já que o índice de confiança nessas pessoas é maior. Porém, 12% foram indicados ou buscaram informações com profissionais da área da saúde, entre eles médicos, farmacêuticos ou nutricionista, para uma melhor utilização e consequentemente maior eficácia sobre o uso dessas plantas. Apenas 4% buscaram informações sobre plantas em revistas, internet e outros meios de informação, como pode ser observado no **Gráfico 2**.

Gráfico 2 - Meios de conhecimentos e informações



Fonte: Barros EAM, et al., 2025.

DISCUSSÃO

Durante a pandemia da COVID-19, uma pesquisa realizada por DA SILVA EB, et al. (2023) indicou um aumento no uso de plantas medicinais. Na cidade de Belém/Pará, esse comportamento estar relacionado a práticas culturais já existentes e à busca por alternativas adicionais em um contexto marcado pela ausência de vacinas e pela falta de tratamentos específicos baseados em evidências consolidadas. Contudo, é importante destacar que os entrevistados do presente estudo não relataram o uso de plantas medicinais com a finalidade específica de tratar a COVID-19, mas sim como parte de suas práticas cotidianas durante esse período.

No que tange aos dados socioeconômicos, os resultados da pesquisa indicam que a maioria dos participantes é constituída por mulheres, correspondendo a 69% da amostra, enquanto os homens representam 31%. Esses dados estão em consonância com os resultados apresentados na pesquisa de Oliveira Filho LM, et al. (2021) sobre a utilização de plantas medicinais durante o período de pandemia da Covid-19, evidenciou que 60% dos entrevistados são do sexo feminino, 38,3% do sexo masculino e 1,7% não declaram.

A predominância do sexo feminino pode estar relacionada ao papel central das mulheres no cuidado familiar e na transmissão de saberes tradicionais sobre plantas medicinais. Segundo Patrício KP, et al. (2022) em muitas comunidades brasileiras, elas são os principais responsáveis pelo uso e preparo dessas plantas, reforçando seu papel como cuidadoras no ambiente doméstico e comunitário. Durante uma pandemia, esse comportamento pode ter sido intensificado, devido à busca por alternativas naturais para lidar com os sintomas da COVID-19 e outras condições de saúde.

Outro fator relevante que pode ter contribuído para este resultado está relacionado ao maior engajamento das mulheres em pesquisas científicas, especialmente aquelas que envolvem temas de saúde, educação e bem-estar social. De acordo com Hawkins C e Bartholow C (2019), as mulheres geralmente demonstram maior interesse e disposição em participar de estudos que abordam questões que impactam diretamente suas vidas e comunidades. Essa predisposição está associada a uma maior conscientização sobre a importância dessas temáticas e à busca por melhorias em suas condições de vida e nas de suas famílias.

A maior parte da amostra encontra-se na faixa etária de 21 a 40 anos (85%). Essa faixa compreende adultos jovens e economicamente ativos, que podem ter buscado em plantas medicinais uma forma complementar ou alternativa de cuidado devido ao estresse associado à pandemia e à sobrecarga dos serviços de saúde. Por outro lado, a menor participação de pessoas acima de 60 anos (4%) pode refletir o impacto do isolamento social, que dificultou a coleta de dados nesse grupo, ou possível uma menor familiaridade dos idosos com pesquisas desse tipo durante o período em questão.

Vale destacar que dados similares foram encontrados na pesquisa de Da Silva EB, et al. (2023), que constatou uma predominância de uso de plantas medicinais entre as idades de 18 a 39 (39,5%) e um menor uso de pessoas a partir dos 60 anos (22,7%). Entretanto, outros estudos (Mouzinho JHG, et al., 2024; Da Silva EB et al., 2024), apontam que as plantas medicinais são mais utilizadas por pessoas idosas em comparação a pessoas jovens.

Os dados mostram um nível significativo de participantes com ensino superior completo (32%) e incompleto (28%). Esse fato é interessante porque reflete uma ampla acessibilidade das plantas medicinais, mesmo entre pessoas com maior nível de escolaridade, desmistificando a ideia de que o uso dessas plantas está restrito à população de menor acesso à educação formal. Estudos (Da Silva EB, et al., 2023) demonstram que a valorização das práticas tradicionais de saúde no Brasil está presente em todos os níveis sociais, especialmente com a crescente legitimação do uso de plantas medicinais em políticas públicas, como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC, 2006).

Por outro lado, os dados encontrados estão em desacordo com o estudo realizado por Schwambach KH (2007), ao analisar o uso de plantas medicinais no município de Teutônia-RS, constatou resultados significativamente distintos em relação à escolaridade, sendo que a maior parcela dos entrevistados (51,5%) possuía ensino fundamental incompleto. Para os referidos autores, esse resultado pode estar relacionado as dificuldades de acesso ao ensino que as pessoas que vivem em comunidades rurais têm ou ainda a atividade, profissão que desempenham no meio rural. Pesquisas anteriores mostram que o uso de plantas medicinais é especialmente popular em zonas rurais ou em populações com maior acesso a conhecimentos tradicionais sobre fitoterapia (SCHMIDT AM, et al., 2018).

Os resultados indicam que 83% dos participantes relataram o uso regular de plantas medicinais, destacando a forte conexão cultural com a fitoterapia. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), aproximadamente 80% da população utiliza a fitoterapia para tratamento e prevenção de doenças. Nesse contexto, os medicamentos fitoterápicos consolidam-se como uma expressão da tradição no uso terapêutico de plantas medicinais. O conhecimento sobre essas práticas tem sido transmitido ao longo de gerações pelas comunidades tradicionais, e a pandemia intensificou essa tendência, impulsionando a busca por alternativas terapêuticas diante do colapso dos serviços de saúde.

A identificação de 33 espécies diferentes revela a riqueza do conhecimento local e a diversidade de práticas relacionadas à medicina natural. A predominância de *Peumus boldus* (Boldo) (25 menções) e *Melissa officinalis* (Erva-Cidreira) (21 menções) reflete o uso frequente de plantas com propriedades digestivas e calmantes, respectivamente. Ambas as plantas são extremamente conhecidas por seu uso em condições como ansiedade, insônia e problemas gastrointestinais, sintomas que podem ter sido exacerbados durante a pandemia da COVID-19 devido ao aumento do estresse e preocupação com a saúde (ENUMO SRF, 2020).

A maior parte das recomendações terapêuticas das plantas medicinais (44%) está relacionada ao tratamento de problemas gastrointestinais, como dores abdominais e melhor digestão, com destaque para *Peumus boldus* (boldo), amplamente utilizado por suas propriedades digestivas comprovadas (SOUZA MBR, et al, 2021). Esse uso reflete a tradição brasileira de recorrer à fitoterapia para tratar condições comuns, especialmente em períodos de crise, como uma pandemia, quando o acesso a tratamentos convencionais foi limitado. Além disso, plantas com propriedades calmantes e sedativas, como *Melissa officinalis* (Erva-cidreira) e *Matricaria chamomilla* (Camomila) (15%), ganharam relevância durante a pandemia devido ao aumento do estresse e da ansiedade causada pelo isolamento social e incertezas econômicas, oferecendo uma alternativa natural para esses problemas (NASCIMENTO AS, et al., 2021).

A utilização de *Dysphania ambrosioides* para sintomas respiratórios (8%) reflete o contexto pandêmico, onde infecções respiratórias, incluindo a COVID-19, eram preocupações centrais. Apesar de não haver comprovação científica robusta para tratar a COVID-19, seu uso como expectorante e no manejo de sintomas gripais demonstram uma busca por alternativas acessíveis e tradicionais. Além disso, 5% dos participantes não especificaram o uso das plantas, apesar de práticas tradicionais e influências culturais nortear o consumo, especialmente em um cenário de sobrecarga dos serviços de saúde e medo de infecção hospitalar, fatores que influenciaram o uso de remédios caseiros durante uma pandemia (ISER BPM, et al., 2020).

Esses resultados se alinham com o aumento global do uso de terapias alternativas e complementares durante a pandemia, especialmente em comunidades com acesso limitado a serviços médicos ou com uma forte tradição no uso de plantas medicinais (NASCIMENTO AS, et al., 2020). A busca por soluções naturais também reflete uma confiança renovada nos saberes populares, que foram integrados às políticas públicas brasileiras, como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), para promover alternativas de tratamento no Sistema Único de Saúde (SUS).

A análise dos dados sobre os métodos de preparo e partes vegetais utilizadas pelos participantes revela práticas diversificadas e tradicionais associadas ao uso de plantas medicinais, que são profundamente enraizadas na cultura popular. As variações nos tipos de partes vegetais empregadas, bem como nos métodos de preparo, podem estar relacionadas ao conhecimento local e à disponibilidade das plantas em diferentes contextos, como regiões urbanas ou rurais, e ao próprio tipo de doença ou sintoma que se procura tratar (OLIVEIRA FILHO LM, et al., 2021).

O uso predominante de folhas e flores (48%) no preparo de remédios naturais reflete práticas tradicionais da fitoterapia e está alinhado com estudos como os de Da Silva IB e Da Silva GPL (2024) e De Souza AC, et al. (2021), que também aponta a preferência por folhas, com 84% e 60,5% das menções, respectivamente. Essas partes vegetais são extraordinariamente reconhecidas por sua alta concentração de compostos bioativos e por serem facilmente preparadas por meio de métodos como infusão, uma técnica eficaz para extrair substâncias voláteis e solúveis em água. A utilização de plantas como *Melissa officinalis* (Erva-Cidreira) e *Mentha spicata* (Hortelã) reforça o valor terapêutico de infusões, especialmente às suas propriedades calmantes, digestivas e anti-inflamatórias, destacando a importância dessas práticas na promoção da saúde (Domingues GHC, 2021; TAVARES AS, et al., 2015).

A decocção (71%), predominantemente utilizada para cascas, sementes e raízes, é um método eficaz para extrair compostos robustos e complexos de partes vegetais mais duras, como cascas e raízes, sendo amplamente aplicada no preparo de plantas como *Peumus boldus* (boldo) e *Arrabidaea chica* Verlot (Pariri), que estão associados ao colapso de dores e problemas digestivos. O uso combinado de folhas e flores com essas partes vegetais (47%) reflete uma estratégia para potencializar efeitos terapêuticos e tratar múltiplos sintomas, o que é uma prática característica da fitoterapia tradicional. Em contrapartida, apenas 5% mencionaram o uso exclusivo de cascas, sementes ou raízes, o que, assim como em estudos como o De Souza AC, et al. (2021), indica a maior acessibilidade e praticidade de folhas e flores no uso cotidiano. Essa escolha prática reafirma a adaptabilidade e riqueza das práticas fitoterápicas em contextos tradicionais e contemporâneos (TAVARES AS, et al., 2015; BRASIL, 2024).

CONCLUSÃO

O estudo investigou o uso de plantas medicinais em Belém, Pará, durante a pandemia da COVID-19, revelando uma ampla diversidade de espécies utilizadas como alternativas terapêuticas em resposta à sobrecarga dos serviços de saúde. Grupos como mulheres e jovens adultos tiveram papel central na perpetuação de saberes tradicionais, com destaque para plantas como *Peumus boldus* e *Melissa officinalis*, valorizadas por suas propriedades digestivas e calmantes. O estudo reforça a relevância das práticas integrativas na saúde pública, especialmente em regiões biodiversas como a Amazônia, alinhando-se aos princípios da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e destacando o potencial de diálogos entre saberes tradicionais e científicos para um cuidado integral e acessível. Com base no apresentado, estudos futuros podem comprovar a eficácia e segurança dessas plantas medicinais que foram amplamente utilizadas durante a pandemia, através de análises científicas, vinculado aos saberes populares e tradicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os participantes deste estudo, cujas contribuições foram essenciais para a compreensão das práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais durante a pandemia da COVID-19. Agradecemos às comunidades de Belém pela partilha de seus saberes tradicionais, que enriqueceram este estudo e reafirmaram a importância da conexão entre ciência e cultura local no cuidado à saúde.

REFERÊNCIAS

1. ALCANTARA RGL et al. Plantas medicinais: o conhecimento e uso popular. *Revista APS*, 2015; 18 (4): 470-482.
2. BARBOSA, RLQ et al. A busca pelo uso de plantas medicinais na prevenção de infecção por COVID-19, no interior do estado do Tocantins, Brasil. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 9, n. 10, 2022. ISSN 2358-8322.
3. BRASIL, Ministério da Saúde. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), 2006.
4. BRASIL, ministério da Saúde. Plantas medicinais e fitoterápicos, 2024.
5. CASTILHOS PF, et al.; Prevalência e fatores associados à utilização de plantas medicinais e fitoterapia no Brasil. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 400-410, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.32712/2446-4775.2023.1477>. Acesso em: 24 nov. 2024.
6. CHEROBIN F, et al.; Plantas medicinais e políticas públicas de saúde: novos olhares sobre antigas práticas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, e320306, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312022320306>.
7. DA SILVA IB, DA SILVA GPL. Uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas brasileiras: uma revisão integrativa. *AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH*, 2024; 12 (3): 258-272.
8. DA SILVA EB, et al. Plantas medicinais durante a pandemia da COVID-19 na região Amazônica: estudo populacional. *Brazilian Journal of Health Review*, 2023; 6 (6): 27496-27512.
9. DE SOUZAAC, et al. Levantamento etnobotânico com fins medicinais como instrumento de educação na Comunidade Taquarussú, Conceição do Castelo-ES. *Cadernos Camilliani*, 2021; 15 (3): 705-721.
10. DRESCH, RR, et al. Compilação de levantamentos de uso de plantas medicinais no Rio Grande do Sul. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 2019; 31 (2): e310.
11. DOMINGUES GHC, et al. Estudo FT-IR da infusão das plantas medicinais *C. barbatus* Benth e *C. Citratus* Stapf. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, 2021; e021016-e021016.
12. ENUMO SRF, et al. Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma cartilha. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 2020; 37: e200065.
13. HAWKINS C, BARTHOLOW C. Disparidades de gênero na participação em pesquisa. *Research Studies Quarterly*, 2019; 28 (3): 232-245.
14. ISER BPM, et al. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2020; 29: e2020233.
15. MINIKOWSKI AG, LUCCA PSR. O uso de plantas medicinais e fitoterápicos por jovens em um município na região oeste do Paraná. *Revista Thêma et Scientia*, v. 11, n. 2, p. 215-2017, jul./dez. 2021.
16. MOUZINHO JHG et al. FITOTERAPIA E PLANTAS MEDICINAIS NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO. *Caderno Impacto em Extensão*, 2024; 5 (2): 202.
17. NASCIMENTO AS, et al. Complementary therapies in public health: A study on the use of medicinal plants in rural areas. *Public Health Perspectives*, 2019; 88 (3): 374-383, 2019.
18. OLIVEIRA FILHO LM, et al. Os saberes tradicionais e a utilização de plantas medicinais durante o período de pandemia da Covid-19. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 2021; 8 (18): 276-292.
19. OMS. 2019. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundialda-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 04 fev. 2024.
20. PATRÍCIO KP, et al. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022; 27: 677-686.
21. SCHMIDT AM, et al. *Journal of Traditional and Complementary Medicine*, 2018; 5 (1): 65-75.
22. SCHWAMBACH K.H. Utilização de plantas medicinais e medicamentos no autocuidado no município de Teutônia, RS 2007. 98p. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
23. SOUZA MBR, et al. Boldo e seus Benefícios em Doenças Gastrointestinais. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Brasil, São Paulo, v. 4, n. 9, p. 15-26, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5079879.
24. TAVARES AS, et al. Plantas medicinais. – Brasília, DF: EMATER-DF, 2015.
25. XAVIER RA, LIMA RA. O papel das mulheres na construção do conhecimento em Etnobotânica na região norte: uma revisão integrativa. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, 2020; 12 (27): 51-63.